

BRASIL no HAITI

um caso de sucesso
2004-2017



REVISTA
interativa
www.eb.mil.br

ISSN 2178-1265



FINANCIAMENTO IMOBILIÁRIO

CONTE COM QUEM ENTENDE

JUROS
AINDA
MENORES

QUEM PODE

Na FHE: militares e pensionistas das Forças Armadas

Na POUPEX: o público em geral

Linhas de crédito imobiliário,
em condições especiais,
para a compra de imóvel
residencial, de material de
construção e de terreno



Sujeito a análise cadastral
Sujeito a alteração sem aviso prévio
Consulte normas e condições vigentes

Mais informações
0800 61 3040
www.fhe.org.br
www.poupeex.com.br

FHE FUNDAÇÃO
HABITACIONAL
DO EXÉRCITO

POUPEX ASSOCIAÇÃO
DE POUPANÇA
E EMPRÉSTIMO

Chefe do CCOMSEx:
Gen Div Otávio Santana do Rêgo Barros

Subchefe do CCOMSEx:
Cel Inf QEMA Wellington Silva Lousada

Chefe de Produção e Divulgação:
Cel Art QEMA Augusto Pompeu de Souza Perez

CONSELHO EDITORIAL
Cel Art QEMA Augusto Pompeu de Souza Perez
Cel Cav QEMA Fábio Ricardo Marques
Cel Inf R/1 Jefferson dos Santos Motta

SUPERVISÃO TÉCNICA
Cel Inf R/1 Jefferson dos Santos Motta

REDAÇÃO
Cel QCO Carla Beatriz Medeiros de Souza Albach

PROJETO GRÁFICO
S Ten Inf Djalma Martins
S Ten Cav Adriano Henrique Córdova
1º Sgt Art Juliano Bastos Cogo
1º Sgt Inf Fabiano Mache
SC Luiz Fernando Vieira

DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL
S Ten Cav Adriano Henrique Córdova

COORDENAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Centro de Comunicação Social do Exército

IMPRESSÃO
Viva Bureau e Editora Ltda.
ADE Conjunto 20, Lote 11
Samambaia - DF
CEP 72.314-720 – Tel. (61) 3359-4406
vivaeditora@gmail.com

PERIODICIDADE
Trimestral

TIRAGEM
30 mil exemplares – Circulação dirigida (Brasil e Exterior)

FOTOGRAFIA
Arquivos MINUSTAH
Arquivos CCOMSEx
Colaboradores do Exército Brasileiro

JORNALISTA RESPONSÁVEL
1º Ten QCO Leciane Moreira Dias

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
Quartel-General do Exército – Bloco B – Térreo
70630-901 – Setor Militar Urbano – Brasília/DF
revistaverdeoliva@ccomsex.eb.mil.br

Revista Verde-Oliva Digital disponível em:
www.eb.mil.br

NOSSA CAPA



arte de capa: Sgt Bastos

Editorial



Ano XLV • Nº 241 • MAIO 2018 - ESPECIAL

Prezado Leitor

É provável que você conheça ou já tenha ouvido falar sobre a Missão das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH), realizada sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU), com participação hegemônica do Brasil, que liderou a missão e enviou o maior efetivo de militares para aquele país caribenho.

Durante 14 anos, desde a sua criação, a MINUSTAH teve somente Oficiais-Generais brasileiros como Comandantes de seu Componente Militar. O Brasil contribuiu com um total de 37,5 mil militares, entre homens e mulheres das mais diversas especialidades, cujos profissionalismo, método e facilidade no trato pessoal elevaram, definitivamente, a figura do soldado brasileiro no cenário mundial.

É com um olhar amplo, ao mesmo tempo compreensível e objetivo, que esta edição da Revista Verde-Oliva destaca o planejamento e a preparação da tropa; a capacidade operacional; a eficiência do apoio logístico; os valores morais e éticos do soldado brasileiro; a ênfase nas Ações Humanitárias; e as ações da Engenharia Brasileira como geradores do sucesso dessa missão de pacificação, habilitando o Brasil a participar de outras Operações de Paz amparadas pela ONU ou por outro organismo de mesmo porte.

Relevante aspecto evidenciado nesta publicação é o papel do Centro Conjunto de Operações de Paz (CCOPAB), na preparação dos contingentes designados para servir em conflitos externos. Além do resultado exitoso da atuação de nossas Forças Armadas no Haiti, esse Centro de excelência adquiriu projeção internacional por suas destacadas participações em fóruns e simulações de emprego em operações de paz. Esse fato ficou evidenciado recentemente, com a escolha do Brasil como primeiro país fora da Europa a abrigar um sítio remoto do Exercício VIKING, maior exercício de simulação do mundo, com sede na Suécia.

Ao concluir, fica aqui o convite para uma boa leitura que o transporá para o dia a dia vivido por nossos capacetes azuis, em uma viagem que iniciou em 2004.

Gen Div Otávio Santana do Rêgo Barros
Chefe do CCOMSEx

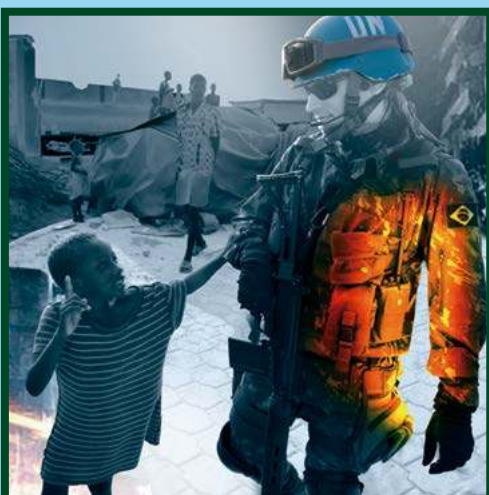


É permitida a reprodução de artigos, desde que citada a fonte.





Sumário



O Contingente Brasileiro



Obras de Engenharia



Fatores de Sucesso

Nesta Edição:

- 6** Brasil e Haiti – Uma lição de Missão de Paz
- 8** A Missão Brasileira no Haiti
- 16** Haiti: caracterização da área e seus aspectos políticos, econômicos e psicossociais
- 20** Recrutamento e seleção do pessoal militar
- 25** O Force Commander
- 26** O Contingente Brasileiro
- 30** Obras de Engenharia
- 34** Ações humanitárias
- 40** A Logística no Haiti
- 46** A Comunicação Social no Haiti
- 50** O CCOPAB
- 56** A desmobilização no Haiti
- 58** Apreciações sobre a tropa brasileira
- 60** Fatores de sucesso
- 62** República Democrática do Congo
- 64** Palavras do Comandante



Espaço do Leitor

revistaverdeoliva@ccomsex.eb.mil.br

“Com cinco anos de existência, a Associação Sempre Polícia do Exército (ASSPEX) congrega militares da ativa, reformados e reservistas que servem ou serviram nas unidades de Polícia do Exército ou em outras unidades. Somos um grupo de associados alinhados com os valores do Exército Brasileiro. Realizamos reuniões mensais e participamos de diversas atividades sociais. Como secretário da ASSPEX, solicito o envio de material de divulgação, como a Revista Verde-Oliva, para distribuição aos nossos sócios e em eventos que promovemos, ou dos quais participamos. Atenciosamente,

Marcos Almeida – Secretário da ASSPEX.

“Apresento um programa matinal na Rádio Lajedo FM, emissora localizada no agreste pernambucano. Certa manhã, tive a honra de entrevistar o Comandante do 71º Batalhão de Infantaria Motorizado que, entre outros assuntos, me apresentou à Revista Verde-Oliva. Ao tempo em que parabeno pela excelente ferramenta de divulgação das ações desenvolvidas pelo EB, consulto sobre a possibilidade de disponibilizar-me os futuros exemplares da revista, para que sirvam de fonte para pautas em meu programa de rádio. Certo de um pronto posicionamento sobre minha demanda, desde já agradeço e reitero meus parabéns por esta tão bem desenvolvida ferramenta de difusão das ações do EB. Cordialmente,

Gilson Morais.



“Sou 3º Sargento da Reserva, veterano do 4º Regimento de Infantaria. Faço parte da Associação Cultural dos Veteranos e Amigos do Regimento Raposo Tavares (ACVARRT), que colabora com o Comando do 4º Batalhão de Infantaria Leve (4º BIL) na missão de instituir o Espaço Cultural Regimento Raposo Tavares. Solicitamos o inestimável apoio da Revista Verde-Oliva na publicação dos 108 anos de história dessa unidade, que contribuiu com sacrifício e heroísmo para a construção deste País como Nação Soberana. Solicito, também, o recebimento de edições da Revista Verde-Oliva. Respeitosamente,

Ronaldo Giansi.

“Como ex-aluno do Colégio Militar de Curitiba – Turma 1964 – e também da Escola Preparatória de Cadetes do Exército – Turma 1968 –, solicito o envio regular da Revista Verde-Oliva para o meu consultório médico em São Paulo. Além da minha leitura, meus pacientes também poderão se informar sobre as atualidades do nosso EB. Agradeço pela atenção,

Paulo Nicolau

Prezado Leitor,

Este espaço é reservado para as suas impressões sobre a Revista Verde-Oliva. Envie também sugestões de matérias para serem publicadas nas próximas edições, afinal, a sua opinião é de grande importância para nós e gostaríamos de conhecê-la. Participe, pois esta publicação é endereçada a você. Obrigado!

Equipe Verde-Oliva



BRASIL e HAITI:



Deixamos vidas, cultivamos amigos, cativamos um povo, adquirimos experiências e conhecimentos, tornamo-nos exemplo para o mundo e, acima de tudo, cumprimos a missão de levar paz, respeito e confiança ao povo haitiano.



Uma lição de Missão de Paz





A MISSÃO BRASILEIRA NO HAITI

Autor: General de Exército R/1 Enzo Martins Peri



O Haiti, descoberto por Colombo, em 1492, e fazendo parte da *Isla Hispaniola*, no século XVII, constituía-se na mais lucrativa colônia do Novo Mundo, com lavouras de cana-de-açúcar cultivadas por mão de obra escrava e administradas pela França. A conquista da independência, em 1804, não significou a paz, tendo enfrentado instabilidade política desde o seu início. Em 1915, sofreu a primeira invasão militar estrangeira.

Sucessivas missões da Organização das Nações Unidas (ONU) não lograram êxito no restabelecimento

da paz. Em 2004, a situação tornou-se insustentável devido às acirradas rivalidades dentro de um sistema político altamente complexo, culminando com a renúncia do então Presidente da República. Em 29 de fevereiro de 2004, por solicitação do Representante do Haiti, a ONU autorizou a entrada de uma Força Multinacional Provisória no país. Em 30 de abril do mesmo ano, atendendo a recomendações do seu Secretário-Geral, o Conselho de Segurança aprovou a Resolução Número 1542, que estabeleceu a MINUSTAH.



O Governo Brasileiro, que vinha sendo estimulado a assumir uma posição mais ativa em relação ao Haiti, aceitou participar da Força Multinacional, considerando que o Brasil ajudaria a estabelecer a paz por meio do diálogo político. Também concluiu que não se tratava de uma intervenção, mas de uma missão da ONU, com a participação de tropas das Nações Unidas e sob o comando de um Oficial-General brasileiro, sendo uma excelente oportunidade para incorporar ou reincorporar o Haiti à América Latina.

O sucesso brasileiro na missão do Haiti pode ser atribuído ao histórico exitoso em missões de paz e às características e valores morais e éticos do nosso soldado desde a Liga das Nações. Após a criação das Nações Unidas, várias foram as contribuições do Brasil, iniciando-se com a participação na Força de Emergência das Nações Unidas – I (UNEF-I), no Sinai e na Faixa de Gaza – o chamado Batalhão Suez.

A partir de 1988, o Brasil ocupou um assento não permanente no Conselho de Segurança, registrando um incremento considerável da nossa presença em Operações de Paz da ONU. Na Operação de Verificação das Nações Unidas em Angola (UNAVEM-III), o Brasil chegou a disponibilizar o maior efetivo de tropas em uma Operação de Paz da ONU, tornando-se o quarto maior país em número de efetivos disponibilizados em 1996. Todo o lastro operacional anteriormente acumulado serviu de base para o preparo, organização e constituição da MINUSTAH.

Convém destacar que, em 18 de dezembro de 2008, por meio do Decreto 6.703, foi aprovado o conceito de Estratégia Nacional de Defesa (END) e sua relação com o emprego de tropas brasileiras em Missões de Paz, endossando antigo entendimento do Exército.

A Estratégia Nacional de Defesa é o vínculo entre o conceito e a política de independência nacional, de um lado, e as Forças Armadas para resguardar essa independência, de outro. Trata de questões políticas e institucionais decisivas para a defesa do País, como os objetivos da sua “grande estratégia” e os meios para fazer com que a Nação participe da defesa. Aborda, também, problemas propriamente militares, derivados da influência dessa “grande estratégia” na orientação e nas práticas

operacionais das três Forças. (BRASIL, 2012).

Ressalte-se que a END estabelece que o Exército tenha “a capacidade de projetar poder, constituindo uma Força, quer expedicionária, quer para operações de paz ou de ajuda humanitária, para atender compromissos assumidos sob a égide de organismos internacionais ou para salvaguardar interesses brasileiros no exterior”.

Configura-se como relevante tratar sobre a atuação da tropa brasileira no Haiti, em substituição à Força Multinacional Provisória, a partir de 1º de junho de 2004. Segundo Costa (2015), de cujas ideias me valho neste texto, a MINUSTAH foi constituída, inicialmente, para ajudar o governo de transição a estabelecer um ambiente seguro e estável; cooperar na supervisão, reestruturação



e reforma da Polícia Nacional do Haiti (PNH); prestar assistência mediante programas integrais e, em longo prazo, de desarmamento, desmobilização e reintegração.

Adicionalmente, pretendia apoiar o restabelecimento e a manutenção do estado de direito, da segurança pública e da ordem pública; proteger o pessoal da ONU, os serviços, as instalações e os equipamentos e proteger os civis que se encontrassem com risco iminente de violência física; apoiar o processo político e constitucional; ajudar nas tarefas de organizar, supervisionar e levar a cabo eleições municipais, parlamentares e presidenciais livres e limpas. Em suma, as principais ações se dirigiam ao governo de transição e às instituições e organizações haitianas em seus esforços para promover e proteger os

direitos humanos, bem como fornecer informações sobre a situação dos direitos humanos no país.

Nesse cenário, segundo Costa (2015), as tropas brasileiras tinham a possibilidade de conduzir atividades, tais como: busca, patrulhamento, observação, supervisão, monitoramento e relato de situações; operações tipo polícia; evacuação de áreas; desdobramento preventivo de efetivos; estabelecimento e manutenção de áreas de segurança; cooperação na desmobilização, desarmamento e reintegração de facções litigantes; controle de determinadas áreas terrestres, marítimas ou ribeirinhas; participação no atendimento de necessidades críticas da população; assistência humanitária; assistência a refugiados e deslocados; preparação de um local



neutro para negociações de paz; cumprimento de sanções/embargos; coordenação de negociações locais entre as facções envolvidas; operações de desminagem; operações de evacuação; respaldo a ações diplomáticas pela presença; interposição entre forças oponentes; operações de transporte de carga, pessoal ou material; atuação no espectro eletromagnético; provimento de apoio de fogo, caso fosse fundamental para o exercício do direito de autodefesa das forças da ONU em terra; alojamento provisório de tropas da ONU; disponibilização de segurança a instalações e autoridades; escolta de comboios e de autoridades; destruição de material bélico capturado/apreendido; trabalhos de engenharia de construção, além de outras tarefas previstas no Mandato das Nações Unidas.

Segundo aquele autor, a missão estava autorizada, ainda, a incorporar até 6.600 militares, 1.622 policiais civis, cerca de 550 funcionários civis internacionais, 150 voluntários das Nações Unidas e 1.000 civis locais. Nos anos subsequentes, o Conselho de Segurança fez diversas alterações no mandato da MINUSTAH, nos conceitos de suas operações e de sua dotação, no intuito de adaptá-los às circunstâncias e às novas demandas políticas, sociais, econômicas e de segurança do país.

Na extensão do mandato para o período 2009-2010, o Conselho de Segurança apresentou novas tarefas à MINUSTAH, que incluíram apoiar o processo político no país, promover o diálogo político com a participação de todos os setores interessados, a reconciliação nacional e assistência logística e de segurança para as eleições que viriam a ser realizadas em 2010. (COSTA, 2015, p. 30)

O mandato de missão, com a combinação de resoluções dos Capítulos VI e VII, foi o principal desafio para as nossas tropas, logo superado. (1)

Inicialmente, o Ministério da Defesa (MD) e o Comando do Exército atuaram no cenário político para viabilizar a missão. Um exemplo foi o debate com o Congresso Nacional brasileiro sobre algumas questões, tais como: “Por que intervir? Se não resolvemos o problema da Rocinha, como resolver o problema do Haiti?” Entretanto, essa comparação não faz sentido. No Brasil, as Forças Armadas não se dedicam ao policiamento interno, e o tipo de ação no Haiti tinha algumas características policiais, mas era, principalmente, militar.

No campo operacional e tático, foram diversas as medidas adotadas entre o MD e o Comando do Exército, que se transformaram no legado para o sucesso de missões futuras. Destacam-se: o aprimoramento do processo de seleção e de treinamento de pessoal; a avaliação psicológica realizada nos períodos de mobilização e desmobilização; o rodízio entre tropas

dos Comandos Militares de Área; a consolidação de processos, particularmente de Mobilização e Desmobilização, conforme Normas da ONU; a compra de material de emprego militar e a criação, pelo Exército, de um centro de excelência de Operações de Paz (Centro de Instrução de Operações de Paz – CIOpPaz), em 2005. (2)

Em 15 de junho de 2010, a Portaria número 952, do Ministro da Defesa, designou o CIOpPaz para a preparação de militares e civis brasileiros e de nações amigas a serem enviados em missões de paz e desminagem humanitária e alterou sua denominação



para Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB), Centro Sérgio Vieira de Mello, completamente alinhado com o pensamento diplomático nacional e do Ministério da Defesa, assim como com as novas diretrizes do mais alto escalão do Secretariado da ONU.

Em pouco tempo, o CCOPAB desenvolveu identidade institucional própria e adquiriu reconhecimento internacional no adestramento conjunto para operações de paz e desminagem humanitária.

Sem qualquer dúvida, foi um grande desafio cumprir missão de paz em um país até então pouco conhecido

pelos brasileiros e às voltas com imensas dificuldades nos setores mais básicos. Daí evidencia-se a necessidade de manter o incremento do adestramento e da participação do Exército Brasileiro em operações internacionais em apoio à política externa, com ênfase nas operações de paz e ações humanitárias, integrando Forças da Organização das Nações Unidas ou de organismos multilaterais da região, tal como as do Haiti.

A diversidade das missões no Haiti impôs a inclusão de outras tarefas, além daquelas puramente militares, tais como as relacionadas com a assistência humanitária,





a supervisão eleitoral, o fomento ao desenvolvimento das instituições estatais e a preservação dos direitos humanos. A experiência e o maior conhecimento do ambiente operacional exigiram adaptações frequentes no treinamento e na preparação da tropa.

Estágios e cursos específicos foram concebidos para proporcionar as condições para atender as tarefas do mandato, tomar decisões, enfrentar riscos e atingir os objetivos planejados. O treinamento prático com ênfase nos módulos de tiro, combate urbano e liderança foi aliado ao perfeito conhecimento das regras de engajamento para que a tropa pudesse fazer uso do armamento e aproveitar o terreno de modo competente. Outro fator

decisivo para o sucesso da missão foi o valor moral e ético do nosso soldado.

A tropa confirmou a sua capacidade de tolerância e de adaptação a qualquer realidade, demonstrando o respeito ao povo e à cultura haitiana. Dessa forma, conquistou a empatia e permitiu uma convivência cordial e amistosa com os demais países integrantes da MINUSTAH. Nossos soldados conquistaram a confiança, a admiração e o respeito de toda a sociedade haitiana, atenuando a miséria por meio da solidariedade, tornando-se verdadeiros mensageiros da paz e projetando o Brasil no contexto das Nações Unidas.

As condicionantes do sucesso da missão do Brasil





no Haiti foram a criteriosa preparação e o minucioso planejamento das fases de emprego dos contingentes. Nesse processo, foi fundamental a participação dos órgãos do Ministério da Defesa, principalmente no campo político-estratégico, e do Comando do Exército, no campo operacional-tático.

A nomeação de um Oficial-General (Force Commander), desde o início da missão, permitiu ao Exército Brasileiro ocupar um local de destaque no cenário internacional das missões de paz da ONU. A seleção, a preparação e o desempenho funcional dos Comandantes da MINUSTAH muito contribuíram para o sucesso da missão.

Concluo, com a convicção do sucesso nas jornadas de ontem, de hoje e de amanhã. Deixo aqui consignado o meu reconhecimento, tanto à capacidade de superação do povo haitiano em face de tantos sacrifícios, procurando manter intacto seu orgulho e seu capricho pessoal, quanto a todos aqueles que, voluntariamente, integraram os nossos contingentes. Parabênz, de forma especial, aos que tiveram a imensa responsabilidade de exercer o Comando com tanto sucesso, para honra do nosso Exército e do Brasil.

Torna-se evidente que todos partiram levando as melhores expectativas de seus superiores, desde o Comando do Exército até os Comandantes dos escalões imediatos e de seus companheiros que aqui permaneciam, quanto ao exemplar desempenho de suas nobres missões. Em nenhum momento desapontaram. Conquistaram o respeito e a admiração dos militares de nações amigas que lá se encontravam. Consolidaram e universalizaram o já elevado conceito da Organização das Nações Unidas quanto à aptidão dos militares brasileiros para emprego em missões de paz. Souberam honrar a confiança que todos nós, seus superiores hierárquicos e camaradas, neles depositávamos. Por fim, propiciaram múltiplas oportunidades para o aperfeiçoamento de nossas práticas.

Enfim, a **MINUSTAH – Um caso de sucesso.**

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. *Estratégia Nacional de Defesa*. 2. ed. Brasília: MD, 2012.

COSTA, Júlio César Franco da. *Contribuições da participação brasileira em Operações de Paz das Nações Unidas para Segurança, Defesa e Desenvolvimento do Brasil*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. CAEPE – Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro/RJ.

NOTAS

(1) O Capítulo VI é previsto quando não há um conflito aberto, mas é útil que haja uma força de interposição entre as forças que antes estavam em conflito para evitar confronto direto. Já o Capítulo VII permite às Nações Unidas intervir para restabelecer a segurança, a ordem ou a paz em determinada região ou país.

(2) O CIOpPaz foi comandado, de início, cumulativamente pelo Comandante do 57º Batalhão de Infantaria Motorizada (57º BI Mtz) – Regimento Escola de Infantaria (REI), onde estava sediado, com a finalidade de preparar o Batalhão Haiti. Em 2006, o CIOpPaz passou a ser uma Organização Militar diretamente subordinada à 1ª Divisão de Exército (1ª DE). Em 2008, recebeu o primeiro aluno estrangeiro e o primeiro aluno da Polícia Militar.





HAITI

Caracterização da Área e seus aspectos políticos, econômicos e psicossociais







O Haiti, oficialmente República do Haiti, é um país caribenho que ocupa uma pequena porção ocidental da ilha Hispaniola. Ao norte, seu território é banhado pelo Oceano Atlântico; ao sul, pelo Mar do Caribe (ou Mar das Antilhas); a oeste pela Baía de Gonaïves, Passagem de *Windward* e Estreito da Jamaica; e a leste, sustenta 360 km de fronteira terrestre com a República Dominicana. É o terceiro maior país do Caribe, depois de Cuba e da República Dominicana. Ocupa uma área de cerca de 27.750 Km² de superfície, o que corresponde ao estado brasileiro de Alagoas.

O país possui clima tropical e sofre influência das variações marítimas. Com temperatura que oscila dos 20°C aos 34°C, é frequentemente acometido de tempestades tropicais e de furacões.

A sua vegetação foi muito devastada com o passar do tempo, tornando-se inviável para fins econômicos e para o surgimento de núcleos populacionais.

O relevo da ilha é predominantemente montanhoso. Na região sul está localizado o ponto mais alto do país, o Pico La Selle, com 2.680 metros de altitude. No litoral, predominam as planícies costeiras.

O Haiti está localizado em um território com falhas geológicas que fazem parte do sistema *Enriquillo-Plantain Garden*. Até o terremoto de 2010, com base em dados sismológicos, geológicos e de deformação

do solo, não havia nenhuma evidência de ruptura de superfície

Aspectos Políticos

Em seus 200 anos, a política do Haiti sofreu 32 golpes de estado. Em 1804, tornou-se a primeira nação independente da América Latina e do Caribe, devido ao resultado de uma bem-sucedida revolta de escravos. A Revolução Haitiana, que durou quase uma década, foi deflagrada por escravos e negros libertos, os quais se tornaram os primeiros líderes do governo.

Uma longa história de opressão por ditadores afetou significativamente aquele país. Desde a fundação, a intervenção de países ocidentais na política local, coadunados com instituições financeiras internacionais, impôs grandes dívidas ao Haiti, trazendo sérias consequências sociais. As políticas adotadas puseram fim à capacidade do governo haitiano de proteger a economia local, provocando maior dependência das importações e minando a autossuficiência financeira do país.

O Haiti é uma república semipresidencialista, onde o presidente é o Chefe de Estado, diretamente eleito. O primeiro-ministro atua como Chefe de Governo e é nomeado pelo presidente. Ambos exercem o poder executivo.

O atual presidente do Haiti é **Jovenel Moise**.





Aspectos Econômicos

A agricultura é a principal atividade econômica do Haiti e seus principais produtos de exportação são o café, a cana-de-açúcar e o cacau. Contudo, devido ao aumento populacional, os agricultores têm incrementado a produção de milho, arroz, frutas e vegetais.

Devido à escassez de mão de obra qualificada e ao desemprego generalizado, mais da metade da população trabalha no setor agrícola. Mesmo assim, o país depende de importações para suprir cerca da metade de suas necessidades alimentícias. A ajuda externa representa de 30 a 40% do orçamento do governo.

A pesca é de pouca relevância, como resultado do subdesenvolvimento em que o Estado se encontra. Refletindo a conjuntura econômica do país, o setor industrial não conseguiu alavancar para fases superiores de rendimento. Sofre, ainda, com pequeno mercado que o Haiti representa e, principalmente, com a concorrência dos produtos importados, de superior qualidade.

Aspectos Psicossociais

Considerado um dos países mais pobre das Américas, segundo estimativas das Nações Unidas, o Haiti possuía, em 2016, uma população de cerca de 10 milhões de habitantes, dos quais 95% eram negros, descendentes de escravos africanos, concentrados nas áreas urbanas, nas planícies costeiras e nos vales.

Embora o catolicismo seja a religião mais praticada, o número de protestantes tem crescido nos últimos anos. Também praticam o vodu, religião de origem africana. Devido ao sincretismo religioso entre o catolicismo e

o vodu, é difícil estimar o número de seus seguidores no Haiti.

Podemos dizer que a cultura haitiana é uma mistura de elementos franceses, africanos e taínos, com influência dos espanhóis do período colonial.

A identificação étnico-social contribuiu para o sucesso da Missão de Paz no Haiti. A descendência africana, as mazelas políticas e outras carências sociais possibilitaram o surgimento de profundas marcas de amizade, solidariedade e respeito entre os militares brasileiros e o povo haitiano.





RECRUTAMENTO/SELEÇÃO DE PESSOAL MILITAR PARA MISSÃO DE PAZ



BRAENGCOY



CONTEÚDO
interativo



O Gabinete do Comandante do Exército, por intermédio de sua Assessoria de Pessoal (A1), é o responsável pela seleção dos militares do Exército Brasileiro (EB) para funções específicas do contingente e para a preparação administrativa dos integrantes da missão.



Composição do BRABAT

O Alto Comando do Exército escolhia o Comando Militar de Área (Cmdo Mil A) que participaria da missão. Esse, ao ser indicado, passava a ser o responsável pelo recrutamento e pela seleção do pessoal, com foco na Brigada designada.

A Brigada, por sua vez, iniciava o trabalho de seleção, dando especial atenção aos postos e graduações indicados no Quadro de Cargos (QC). Qualquer proposta de mudança deveria ser encaminhada pelo Cmdo Mil A ao Comando de Operações Terrestres (COTER), para que fosse submetida e aprovada pelo Estado-Maior do Exército (EME).

O Comandante e o Subcomandante do BRABAT, designados pelo Gabinete do Comandante do Exército, podiam preencher alguns cargos da Comissão de Preparo de Tropa para Missão de Paz (CPTMP), que tinham a incumbência de estruturar, orientar e conduzir o preparo da tropa designada para a missão, em um período de quatro meses que antecede o embarque, segundo coordenação do COTER.

Cabiam também ao Gabinete a seleção e a indicação de médicos e dentistas para integrarem o contingente, tendo em vista o índice de militares voluntários e as consequências para o Sistema de Saúde da Força.

A tropa desejável para emprego em Missão de Paz era de Subunidade (SU) por Organização Militar (OM),

valor Unidade, em função das características e das possibilidades operacionais, logísticas e administrativas que apresentava para integrar um contingente valor Batalhão. O valor mínimo da tropa, fornecida por uma OM, para seleção e emprego em missão de paz era pelotão (Pel), em função, entre outros fatores, da metodologia de repasse da instrução adotada pelo EB, exigindo a participação de um oficial por polo de instrução.

O aspecto de um bom recrutamento deveria ser extremamente considerado, por se tratar de uma

missão real no exterior. Os militares rigorosamente selecionados deveriam ser os melhores e o recrutamento deveria ocorrer, a princípio, no universo de militares que

ainda não participaram de missão de paz.

Para os cargos de oficial subalterno e 3º Sargento, tinham prioridade os militares de carreira, em detrimento dos temporários. Apenas em último recurso, e por falta absoluta desses militares, os temporários seriam selecionados, devendo-se, nesse caso, escolher militares até o sexto ano de serviço.

No universo de cabos e soldados, somente deveriam ser selecionados os militares do Núcleo-Base (NB) que estivessem no primeiro até o penúltimo ano de engajamento, de modo que, após o término da missão e depois de ser desmobilizados, ainda restasse um ano

“A seleção de pessoal regrada pela Diretriz de Preparo foi um ponto notável para o sucesso das tropas brasileiras no Haiti”.



de serviço militar.

As melhores condições físicas e de higiene deveriam ser priorizadas para todos os militares que participassem da missão. Exames laboratoriais devem ser realizados e programados pelo Coordenador de Preparo (Comandante da Brigada), evitando-se, assim, militares com qualquer problema de saúde.

Os voluntários também eram submetidos a uma avaliação psicológica, conduzida pelo Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAEx), com a finalidade de levantar dados e apresentar subsídios que pudessem assessorar o processo de seleção do militar, detectando e antecipando problemas que podiam ocorrer durante ou após a missão.

O Cmdo Mil A deveria prever, por grau hierárquico e por função, uma majoração de cerca de 20% sobre o universo previsto no QC, a fim de constituir uma reserva que deveria cumprir todas as atividades da seleção e do preparo.

Composição da BRAENGCOY

Em um primeiro momento, a condução das atividades de seleção de pessoal esteve a cargo dos Grupamentos

de Engenharia (Gp Eng) existentes à época. A seleção de recursos humanos concentrou-se, respectivamente, no Comando Militar do Nordeste (CMNE) e no Comando Militar da Amazônia (CMA). O preparo da BRAENGCOY/1 (abril/2005) e da BRAENGCOY/2 (novembro/2005) foi rápido, buscando-se otimizar, ao máximo, o tempo disponível nas OM encarregadas da atividade.

O efetivo de voluntários do primeiro contingente foi reunido em, aproximadamente, 30 dias, realizando exames físicos e psicológicos, de saúde, vacinação, instruções de tiro (fuzil e pistola), além de receber as instruções de *Standard Generic Training Module* (SGTM, módulos 1 a 15) – Módulo Genérico de Treinamento Básico.

A preparação do segundo contingente foi realizada em duas etapas. Na primeira etapa, realizada nas OM de Engenharia Contribuintes do CMA, foram ministrados os módulos de SGTM obrigatórios. Adicionalmente, as próprias OM conduziram exames de inspeção de saúde. Na 2ª etapa, desenvolvida na cidade de Manaus, as instruções de toda a tropa foram apoiadas pelo Cmdo do CMA e pelas OM sediadas na cidade. Essa etapa centralizada culminou num Exercício Tático no Terreno, aproveitando-se da estrutura de uma comunidade de Manaus, que possuía algumas semelhanças com a realidade haitiana.

“A organização da tropa, os efetivos empregados e o preparo realizado, ainda no Brasil, mostraram-se adequados ao êxito da missão”.





Da BRAENGCOY/3 até a BRAENGCOY/26

Em um segundo momento (BRAENGCOY/3 a 24), a condução das tarefas foi completamente centralizada no Departamento de Engenharia e Construção (DEC). A Assessoria de Doutrina e Material de Engenharia (Ass 6) foi encarregada de conduzir o preparo, cumulativamente com outras atividades.

A “Diretriz de Preparo” elaborada para o 3º Contingente da BRAENGCOY, que seria empregada na preparação dos próximos contingentes, continha as seguintes providências, dentre outras:

estabelecia um Núcleo de Comando (Nu Cmdo) para as próximas BRAENGCOY, começando pelo 3º Contingente, dentro das instalações da Asse 6; orientava a seleção e o preparo de pessoal em Batalhões e Companhias de Engenharia, selecionados em rodízio; escalava uma OM do Sistema Engenharia do EB para sediar a concentração final do efetivo; e regulava um “Quadro Geral de Atividades”, que tinha o mérito de ordenar o processo de preparo da Cia num lapso temporal de seis meses.

Sempre alinhada com o COTER, a Diretriz de Preparo

dos Contingentes foi reeditada a cada seis meses, entrando em vigor pouco antes do início da formação das sucessivas BRAENGCOY. O Cmt Cia e os oficiais e praças pré-selecionados da guarnição de Brasília, puderam passar à disposição do DEC, para trabalhar no Nu Cmdo. A seleção de pessoal, regrada pela Diretriz de Preparo, foi um ponto notável para o êxito da BRAENGCOY no Haiti. As entrevistas feitas com os voluntários eram do tipo “homem a homem”, após esses terem seu voluntariado ratificado por seus Cmt OM. A equipe do Nu Cmdo visitava todas as OM Contribuintes com efetivo, certificando-se de que a experiência profissional, a desejável estabilidade familiar e, acima de tudo, a multifuncionalidade do militar, registrada em sua ficha de entrevista preliminar antes da chegada da equipe do DEC, estavam garantidas.

A informatização das entrevistas viria mais adiante, no Nu Cmdo da BRAENGCOY/9. As visitas também serviam para inspecionar as instruções descentralizadas levadas a cabo em cada uma das OM. Em diversos contingentes, o Cmt e o SCmt entrevistavam os voluntários, percorrendo pessoalmente as OM Contribuintes. Essa tarefa iniciava um vínculo de confiança entre o Cmdo e os futuros subordinados, que se robustecia na execução do preparo centralizado.

Nos preparos iniciais dos contingentes, o apoio do CCOPAB foi limitado a observar a condução do que estava sendo executado pelo EM/Cia junto à tropa. Esse apoio cresceu gradualmente, à medida que o Centro desenvolveu-se, em efetivo e em experiência acumulada, com o acompanhamento dos sucessivos BRABAT e BRAENGCOY.

“O preparo da tropa foi orientado segundo uma metodologia de treinamento regulada por diretriz específica, desenvolvida por níveis e dentro de um ciclo contínuo”.

A partir da BRAENGCOY/5 (inclusive), o estudo sistemático dos SITREP serviu para contextualizar os exercícios no terreno aplicados à tropa da Cia E F Paz que estivesse vivendo o preparo, por meio de “situações-problema” impostas aos líderes de fração e a seus comandados. O EAOP do 5º

Contingente registrou um amadurecimento significativo em relação aos anteriores, devido à matriz de incidentes elaborada, à participação de cadetes da AMAN (habilitados em Inglês) e à profusão de meios à disposição da coordenação do Exercício. A figuração do ET impunha severo realismo às atividades, interpretando papéis que remetiam à Polícia Nacional Haitiana (PNH), aos integrantes da MINUSTAH e à população local, inclusive com as conversações conduzidas em inglês, francês e creole.



O Force Commander

Autor: General Luiz Eduardo Ramos Pereira

Nenhum país se orgulha da presença dos capacetes azuis em seu território. Isso fere o sentimento patriota mais modesto, presente até mesmo nos países menos dotados de civismo. As Operações de Manutenção ou Imposição da Paz são consequência de uma história politicamente mal escrita, na qual as Nações Unidas servem de ferramenta internacional, à disposição dos governos, para ajudá-los a reescrever os rumos de um futuro iminentemente fracassado e indutor da desordem, que bloqueia o progresso de cada nação.

Incapaz de solucionar seus conflitos, insuficiente na contenção da desordem crescente e da violência descontrolada, que leva ao caos social e ao comprometimento da paz regional ou mundial, as Nações Unidas surgem, convidadas ou não, como a “*ultima ratio regis*” para a recuperação da estabilidade e para que a soberania seja novamente exercida pelos governos legítimos dos países.

Embora muitos especialistas considerem haver certa obsolescência estrutural ou operacional na ONU, é fato que, há mais de meio século, sua presença tem sido fundamental na manutenção da paz mundial.

Não sou um especialista, e sim um velho soldado que teve a honra e o privilégio de ser destacado pelo Brasil e selecionado pela ONU para servir como instrumento de paz e de estabilização para o sofrido vizinho caribenho, o Haiti, outrora a “Jóia do Caribe”, castigado por ditaduras e catástrofes naturais.

Ser *Force Commander* na MINUSTAH foi a mais desafiante e gratificante missão da minha carreira. Comandar contingentes de 18 países e um Estado-Maior Multinacional, com hábitos, idiomas e culturas distintas, em um ambiente hostil e degradado, onde a maioria da população só compreende o dialeto “creole”, não é tarefa fácil. Por vezes, os que olham de fora só percebem a semelhança da cor azul dos capacetes, mas, sem dúvida, notam, mesmo em meio a tantas fardas distintas, que há uma unidade, um só corpo que transpira e exala ordem e esperança.

Para que ocorra tal unidade, há um enorme esforço dos países participantes. Esta é uma das primeiras missões do *Force Commander*: criar o espírito de corpo necessário para que as operações sejam cumpridas de forma combinada, conjunta e integrada. É óbvio que o “espírito de paz,” reinante em cada peacekeeper, favorece essa união em favor do objetivo comum, mas a pesada rotina, com risco de morte diário, desgasta valores individuais e coletivos, e, nesse contexto, é fundamental que o *Force Commander*



exerça sua liderança em todos os níveis, valendo-se, principalmente, do exemplo e da presença junto aos contingentes e patrulhas, motivando nossos guerreiros da paz ao encontro do êxito, com moral elevado e brilho nos olhos.

Além das dificuldades inerentes à função, há outros aspectos que têm importância fundamental na condução desta nobre tarefa. O *Force Commander* deve ter um nível de relacionamento tão bom nos níveis político e estratégico quanto com seus subordinados, nos níveis operacional e tático. Contudo, é no nível político, em reuniões semanais com o Representante Especial das Nações Unidas, com outras autoridades de seu staff e, até mesmo, com o Conselho de Segurança das Nações Unidas, que importantes decisões são tomadas para que o objetivo final de estabilização seja alcançado. O *Force Commander* é a ligação diplomática fundamental entre o braço político e o militar, apto a exercer sua liderança, seja na lama com seus soldados, seja nos mais requintados ambientes, sob a pressão de experientes políticos e diplomatas.

Enfim, ser *Force Commander* é ser soldado em toda a sua essência, é comandar com a alma, é ser capaz de conquistar mentes e corações e de orgulhar-se por ser instrumento da paz e da solidariedade. Foi no sorriso e na gratidão do povo haitiano que entendi a importância da minha missão como soldado.

Tudo pela paz! Brasil!



O CONTINGENTE BRASILEIRO





“Eu era um médico sem doente. A missão de paz foi o doente da minha carreira. Tive a oportunidade de ir para uma missão real, onde me senti testado. Coloquei em prática quase tudo que aprendi ao longo da minha vida, principalmente em termos de trabalho com pessoas. Em nenhum momento eu invejei os outros contingentes. Alguns estavam à altura do contingente brasileiro, mas nenhum nos superava em obstinação, em coragem, em determinação. Isso foi muito gratificante”.

(Palavras do General de Exército R1 Augusto Heleno Ribeiro Pereira – Force Commander / 1º Contingente)





Em números totais, o Brasil enviou 37,5 mil militares para atuar na MINUSTAH. O Exército Brasileiro (EB) contribuiu com 29.761 militares, correspondendo a quase 80% do total do efetivo empregado no Contingente Brasileiro (CONTBRAS). Todos os Comandos Militares de Área enviaram homens e mulheres.

A participação de mulheres militares, das mais diversas especialidades, com o CONTBRAS, foi marcante. Cerca de 200 mulheres atuaram no Batalhão Brasileiro (BRABAT) e na Companhia de Engenharia (BRAENGCOY).

A designação para a missão de paz no Haiti teve caráter voluntário, condicionada a critérios de seleção inerentes às áreas de emprego (operacional, logística, de saúde, justiça e nutrição) e a testes físicos e psicológicos.

O sucesso da missão deveu-se, dentre vários fatores: à elevada capacidade de pronta resposta das nossas tropas; à disponibilidade de meios materiais; ao apoio da opinião pública; ao Centro Conjunto de Operações de Paz (CCOPAB), como ambiente de excelência na preparação dos contingentes; à ênfase nas ações humanitárias, atividades que proporcionam não somente o apoio à população, mas uma compreensão maior do soldado sobre as carências do povo haitiano; e às ações da Engenharia Brasileira. “*Brazilian Soft Power*” (uso brando da força) é o termo que expressa a característica mais marcante do soldado brasileiro.



Marinha do Brasil

Em 1º de junho de 2004, a Marinha do Brasil (MB) completava seu primeiro embarque de meios e de pessoal para o Haiti, por intermédio da Força de Fuzileiros da Esquadra. O Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais – Haiti (GptOpFuzNav – Haiti) do primeiro contingente, nucleado em torno do Batalhão Paissandu, totalizou um efetivo de 234 militares.

Ao longo de 13 anos, algumas mudanças ocorreram. Em 2005, os Fuzileiros Navais instalaram-se em uma base própria, denominada “Base Acadêmica **Raquel de Queiroz**”, localizada em área adjacente ao Aeroporto de Porto Príncipe. A partir do 6º Contingente, o grupamento passou a controlar o Setor Norte da capital haitiana, ficando o Centro e o Sul de Porto Príncipe a cargo do EB.





Força Aérea Brasileira

Desde 2004, a Força Aérea Brasileira (FAB) atuou no transporte aerológico de pessoas, mantimentos e donativos. Foram utilizadas as aeronaves Boeing 707 e 767, C-105 Amazonas e os C-130 Hércules, que também participaram do processo de desmobilização.

A partir de 2011, a FAB compôs as fileiras dos “boinas azuis” com oficiais superiores, que faziam parte do Estado-Maior do BRABAT, e com 347 militares que participaram diretamente da missão. Contribuiu, também, com um Pelotão de Infantaria na composição do BRABAT.

Nos seis meses posteriores ao terremoto que assolou o país, em 2010, foram 219 voos, contabilizando mais de 4 mil horas voadas em prol do povo haitiano. Isso corresponde a 24 voltas ao redor da terra. Em termos de transporte, foram quase 5 mil pessoas e 1.900 toneladas.

À época, foi efetivamente criada uma ponte aérea Brasil – Haiti. A FAB também estruturou um Hospital de Campanha e levou a Unidade Celular de Intendência para apoiar o atendimento às vítimas, contabilizadas em mais de 220 mil mortes e 1 milhão de desabrigados.



Policial Militar como Policial das Nações Unidas (UNPOL)

A Inspetoria Geral das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares (IGPM) tinha a atribuição de selecionar e indicar policiais militares para as Missões de Paz sob a proteção de Organismos Internacionais. Esse processo compreendia 3 fases:

Primeira – Testes de Avaliação (idioma, informática, condução de veículo militar, manejo e tiro com armas curtas.

Segunda – Ensino à Distância (EAD); e

Terceira – Estágio Presencial de Preparação.

A partir de 1991, a pedido da ONU, teve início o envio de policiais militares para Missões de Paz. A atuação das Forças Auxiliares em diversos países, como Kosovo, Moçambique, Guatemala, El Salvador, Sudão, Timor Leste, Guiné Bissau, Sudão do Sul e Haiti, tem sido caracterizada como efetiva e exitosa, destacando o Brasil perante os Órgãos de Segurança Internacionais.

O sucesso dessa participação é consequência da acurada seleção do pessoal empregado, do

preparo realizado pelos instrutores e monitores do Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB) e da sólida formação profissional dos policiais militares. Foram 53 policiais militares na MINUSTAH, dentre eles duas mulheres, exercendo diversas funções de destaque e ajudando o batalhão a cumprir suas atribuições. Atualmente, policiais militares dos Estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro exercem funções de Observadores Policiais das Nações Unidas. 🇧🇷

“Foi um momento de espírito brasileiro, de colaboração, de querer ajudar e querer dar o melhor de si. Nós estávamos ajudando um povo amigo, um povo que estava necessitado, e tínhamos condições de atender. Foi muito emocionante e gratificante essa operação.”

Brigadeiro do Ar Mozart de Oliveira Farias – Comandante da Ala 11, no Rio de Janeiro. Era o piloto do Esquadrão Corsário (2º/2º GAV) e atuou no controle logístico da operação de transportes no terremoto do Haiti.





BRAENGCOY



OBRAS DE ENGENHARIA

Dotada de pessoal experiente e altamente capacitado, e dos meios necessários para o cumprimento da missão, a BRAENGCOY desenvolveu inúmeras ações humanitárias, de socorro à população e de apoio à infraestrutura haitiana, mostrando ao mundo e à ONU a excelência do engenheiro militar brasileiro.



A Engenharia Militar Brasileira, representada no Haiti pela Companhia de Engenharia de Força de Paz (Cia E F Paz Haiti), foi criada em 2005.

Sua missão era proporcionar o apoio de engenharia em trabalhos de construção de campanha, de instalações (infraestrutura e superestrutura) e de proteção aos contingentes de Força de Paz em todo o País. Direcionada para essa concepção, a Companhia, intitulada BRAENGCOY, abrangeu uma variada gama de possibilidades, dentre as quais é possível destacar:

- reconhecimento especializados de engenharia;
- reparação, reforma, melhoramento, adaptação e construção de instalações;
- reparação, conservação, melhoramento e construção de estradas, aeródromos e pontes;

- trabalhos de infraestrutura;
- destruição e neutralização de munições, explosivos e engenhos falhados;
- construção de bueiros e outros sistemas de drenagem;
- desobstrução de vias, com remoção de entulhos, escombros e carcaças;
- reparação e manutenção das vias de circulação, em apoio à mobilidade, à segurança das tropas da Força de Paz da ONU e às ações humanitárias;
- reparação, manutenção e construção de heliportos; e
- assistência técnica de engenharia aos contingentes da Força de Paz. 🇧🇷





ACERVO DE OBRAS DA BRAENGCOY

Ordem	Descrição do Serviço	Acumulado
1	Destruição de explosivos	3.050 Kg
2	Extração de ramblais	83.691 m ³
3	Levantamentos topográficos	106
4	Limpeza de valas	20.135 m
5	Movimento de contêiner	803
6	Perfuração de poços	64
7	Pré-fabricados	2.246 m ²
8	Produção de água	364.708 m ³
9	Produção de pó de brita	39.150 m ³
10	Produção de asfalto	24.088 m ³
11	Produção de brita	72.774 m ³
12	Regularização de terreno	61.025 m ²
13	Remoção de escombros/entulho	24.262 m ³
14	Reparação de estradas	815.905 m ²
15	Reparo de instalações	7.230 m ²
16	Suprimento de água	39.632 m ³
17	Terraplenagem	518.222 m ²
18	Trabalhos de asfalto	349.882 m ²
19	Trabalhos de demolição	3.049 m ²
20	Static Point	37
21	Outros (inspeções, reconhecimento, reuniões, treinamentos e visitas)	1.066





MÍDIAS SOCIAIS

O Exército Brasileiro conectado com você!



 facebook.com/exercitobrasileiro

 instagram.com/exercito_oficial

 youtube.com/c/exercitooficial

 twitter.com/exercitooficial

 flickr.com/photos/exercitooficial

 eblog.eb.mil.br

AÇÕES HUMANITÁRIAS



Seria impossível dissociar as atividades operacionais das atividades humanitárias desenvolvidas no Haiti. Em sua maior parte, a iniciativa partia dos próprios contingentes brasileiros no país amigo. Foram atividades que proporcionaram não somente o apoio à população, mas uma maior compreensão do soldado para com as carências do povo haitiano.

O Terremoto

No dia 12 de janeiro de 2010, o Haiti foi atingido por um forte terremoto, de magnitude 7.0 que devastou o país. O epicentro aconteceu a poucos quilômetros da capital Porto Príncipe, onde vários prédios foram destruídos.

A situação humanitária do país, o mais pobre das Américas, ficou caótica. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (UNHCR), estima-se que, por ocasião do terremoto,

cerca de 217.000 pessoas tenham morrido e mais de três milhões tenham sido diretamente afetadas pela catástrofe. Cerca de 1,3 milhões de casas foram destruídas. Além disso, aproximadamente 500.000 pessoas foram obrigadas a refugiar-se fora da capital.

Foram confirmadas as mortes de 21 brasileiros, dos quais 18 militares das Forças de Paz da ONU, além do diplomata **Luiz Carlos da Costa** e da médica fundadora da Pastoral da Criança, **Zilda Arns**.

Foi um dos momentos mais difíceis enfrentado pelo



contingente brasileiro no Haiti, mas, apesar de todas as dificuldades, o Brasil reforçou a sua participação e iniciou as Operações de Ajuda Humanitária ao país.

A Base General Bacellar tornou-se o ponto de recebimento e tratamento de feridos. Foram centenas de pessoas socorridas pelo pessoal de saúde do BRABAT. O contingente montou equipes de resgate e apoio com a finalidade de buscar sobreviventes e de recuperar corpos.

Paralelamente, a BRAENGCOY foi mobilizada para iniciar os trabalhos de desobstrução de ruas e outras vias principais, necessárias para o escoamento dos suprimentos e resgate de feridos. Além disso, a Engenharia iniciou a entrega de água potável, o reconhecimento em estradas avariadas e a análise das estruturas abaladas pelo terremoto.

O contingente brasileiro realizou diversas escoltas de comboio humanitário e ficou responsável pela distribuição de alimentos para: famílias haitianas, orfanatos, igrejas, ONG'S, instituições do governo e outras organizações da MINUSTAH. Foram mais de 246 toneladas de alimentos e 275 mil litros de água distribuídos nesse período.

Dessa forma, o Embaixador **Igor Kipman** afirmou em entrevista: “[...] As Forças Armadas Brasileiras, em sua participação na Missão das Nações Unidas

para a Estabilização no Haiti – MINUSTAH – têm desempenhado papel central na manutenção de um ambiente estável e seguro no Haiti, em especial em sua Capital, Porto Príncipe, onde se encontram suas áreas de operação. Não fora por essa garantia, os grandes avanços alcançados após o terremoto, no campo da democracia e do Estado de Direito, não teriam sido possíveis, como a realização de eleições livres e democráticas, que conduziram ao Governo do Haiti um candidato da oposição.

Não podem ser tampouco esquecidas as Ações Cívico-Sociais (ACISO) levadas frequentemente a cabo por todas as Unidades Brasileiras que integraram a MINUSTAH e que aliviaram as precárias condições em que vivia grande parte da população da capital do país. Em relação à resposta específica aos danos provocados pelo terremoto, não posso deixar de destacar o trabalho realizado pela Companhia de Engenharia do Exército brasileiro – BRAENGCOY – desde a remoção de escombros, pavimentação de vias públicas (em parceria com a Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações Exteriores), perfuração de poços artesianos, recuperação de pontes etc”(Kipman, 2011).



O Furacão “Matthew” e o Furacão “Irma”

O Furacão **Matthew** foi um poderoso ciclone tropical que atingiu Jamaica, Cuba, República Dominicana, Bahamas e, especialmente, o Haiti. Mais de 2,1 milhões de haitianos foram afetados pelo furacão, que chegou ao país com ventos de até 230km/h e chuvas torrenciais. Várias cidades sofreram graves danos, deixando dezenas de milhares de pessoas desabrigadas. Em alguns locais, as perdas nas culturas agrícolas chegaram a 80% e a única ponte que ligava o centro ao sul do Haiti foi destruída, prejudicando as ações junto à população.

O total de mortes atribuídas ao furacão passou de mil e houve vários casos de cólera causados pela contaminação das águas. Esses números fizeram do **Matthew** o mais mortal dos furacões no Atlântico, desde o **Stan** em 2005, que matou mais de 1.600 na América Central e no México.

O contingente brasileiro foi empregado para dar apoio aos outros componentes da MINUSTAH, bem como às outras agências, e para restabelecer as estruturas essenciais que permitissem a chegada de ajuda humanitária à região atingida pelo furacão.

Paralelamente, foram desdobradas tropas por toda a região sul do país, com a finalidade de realizar

reconhecimento de estradas, segurança de instalações e escolta de comboios de ajuda humanitária. Nessa oportunidade, ficou demonstrada, mais uma vez, a flexibilidade da tropa brasileira para adaptar-se a situações nunca antes vivenciadas por seus soldados. Pode-se afirmar, também, que o contingente brasileiro é uma tropa especial, de elevado espírito humanitário, sempre pronto a sacrificar-se para diminuir o sofrimento alheio.

Em 2017, o Furacão **Irma** foi o segundo grande furacão da temporada. Devido às condições favoráveis, aumentou rapidamente de intensidade, tornando-se um furacão de categoria 2 na escala de *Saffir – Simpson*, em apenas 24 horas. Em 5 de Setembro, o **Irma** tornou-se um furacão de categoria 5, com ventos de 185 mph (298 km/h), colocando-o

como o segundo maior furacão do Oceano Atlântico, apenas ultrapassado pelo **Allen**, em 1980, que alcançou velocidades de 190 mph (306 km/h).

Diferentemente do **Matthew**, o **Irma** atingiu o Haiti na sua porção norte e não causou maiores estragos. Contudo, o contingente brasileiro, que estava sendo desmobilizado por término da missão, interrompeu seus preparativos e permaneceu de prontidão e em condições de, mais uma vez, auxiliar o povo haitiano.

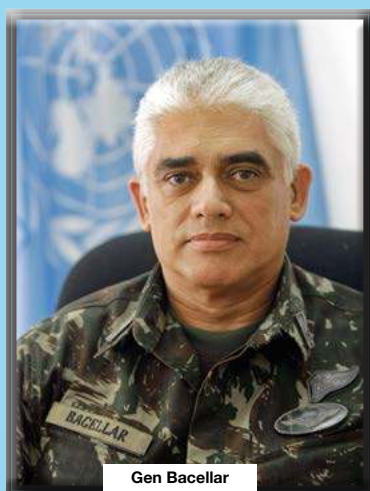
“O permanente estado de prontidão e a capacidade de improviso do soldado brasileiro, adaptando-se facilmente às situações adversas, contribuiu para o efetivo emprego do contingente brasileiro nos momentos de crise humanitária no Haiti”.





MILITARES DO EXÉRCITO MORTOS DURANTE A MISSÃO NO HAITI

FORCE COMMANDERS



Gen Bacellar



Gen Jaborandy

TERREMOTO DE 12 DE JANEIRO DE 2010



Cel Emilio



Cel Zanin



TC Cysneiros



Maj Adolfo



Maj Guimarães



1º Ten Bruno Mário



S Ten Camargos



2º Sgt Davi



2º Sgt De Castro



3º Sgt Rodrigo Souza



Cb Dirceu



Cb Luiz Souza



Cb Pedrotti



Sd Anaya



Sd Anacleto



Sd Felipe Gonçalves



Sd Santos



Sd Silva

MORTOS EM OUTRAS OCASIÕES



2º Sgt Vicente



Sd Geraldo



Sd Rodrigo



Sd Diego Santos



RELAÇÃO COM NOME COMPLETO:

Force Commanders:

- General de Divisão **Urano Teixeira da Mata Bacellar** – Force Commander de 31 de agosto de 2005 a 6 de janeiro de 2006. Morreu em 7 de janeiro de 2006.
- General de Divisão **José Luiz Jaborandy Júnior** – Force Commander de 15 de março de 2014 a 29 de agosto de 2015. Morreu em 30 de agosto de 2015.

Mortos no terremoto de 12 de janeiro de 2010:

- Coronel **Emílio Carlos Torres dos Santos**;
- Coronel **João Eliseu Souza Zanin**;
- Tenente-Coronel **Marcus Vinicius Macêdo**

Cysneiros;

- Major **Márcio Guimarães Martins**;
- Major **Francisco Adolfo Vianna Martins Filho**;
- Tenente **Bruno Ribeiro Mario**;
- Subtenente **Raniel Batista de Camargos**;
- 2º Sargento **Davi Ramos de Lima**;
- 2º Sargento **Leonardo de Castro Carvalho**;
- 3º Sargento **Rodrigo de Souza Lima**;
- Cabo **Douglas Pedrotti Neckel**;
- Cabo **Ari Dirceu Fernandes Júnior**;
- Cabo **Washington Luis de Souza Seraphin**;
- Soldado **Tiago Anaya Detimermani**;
- Soldado **Antônio José Anacleto**;
- Soldado **Rodrigo Augusto da Silva**;
- Soldado **Felipe Gonçalves Julio**; e
- Soldado **Kleber da Silva Santos**.



Mortos em outras ocasiões:

- 2º Sargento **Vicente Medeiros** - 17 de outubro de 2016;
- Soldado **Geraldo Barbosa Luiz** - 1º de novembro de 2013;
- Soldado **Rodrigo da Rocha Klein** - 2 de agosto de 2007; e
- Soldado **Diego Mendes dos Santos** - 30 de dezembro de 2011.



A LOGÍSTICA NO HAITI

“Manter essa tropa operacional, a milhares de quilômetros do seu território, não é fácil. É uma operação logística muito grande. Isso funcionou. Os navios da Marinha trouxeram os nossos equipamentos e viaturas, sempre mantidos em boas condições. Os aviões da Força Aérea trazendo a bandeira do Brasil aqui... Isso tudo é um conjunto de ensinamentos para nós e causa uma excelente impressão na comunidade internacional.”

(Texto do General de Divisão R1 Ajax Porto Pinheiro – Force Commander do 23º ao 26º Contingente)



Introdução

O sucesso da participação brasileira na Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH) deveu-se, também, ao excelente apoio logístico prestado às nossas tropas, durante o seu preparo, emprego e, mais recentemente, por ocasião da reversão total do material.

Sob a coordenação geral do Ministério da Defesa, por intermédio da Subchefia de Operações de Paz, o apoio logístico ao contingente brasileiro teve papel fundamental nas diversas fases da missão, destacando o envio de grande quantidade de suprimentos no momento em que aquele país caribenho havia sido destruído pelo terremoto, em 2010.



Durante os 13 anos da MINUSTAH, a logística em apoio às operações de paz evoluiu. Novos materiais de emprego militar foram colocados à prova, em um ambiente operacional diferenciado, sob uso constante e condições climáticas adversas.

Destaca-se, também, que o Contingente Brasileiro de Força de Paz no Haiti (CONTBRAS/Haiti) sempre gozou de excelente conceito nas diversas inspeções realizadas pela ONU. Isso deveu-se, em grande parte, ao apoio prestado ao CONTBRAS, tanto pelas aeronaves quanto pelos navios logísticos semestrais, que realizavam o suprimento e a substituição de diversos materiais, fundamentais para o bom andamento da missão.

A Célula Logística de Apoio ao Contingente no Haiti

A fim de acompanhar, de forma cerrada, as necessidades logísticas do CONTBRAS/Haiti e verificar a situação da manutenção do material e o fluxo logístico, o Comando Logístico (COLOG) destacou um oficial superior de ligação junto ao G4 do BRABAT.

Pela experiência desse oficial de ligação, o COLOG constatou a necessidade de criar, em 2010, a Célula Logística de Apoio ao Contingente no Haiti (CLACH), composta por três militares do COLOG, selecionados

por critérios de méritos técnicos e profissionais. Esses oficiais integraram o Estado-Maior do BRABAT e da Companhia de Engenharia de Força de Paz Brasileira, mantendo ligação técnica com o COLOG.

Dentre as principais atribuições da CLACH, destacam-se:

- assessorar os comandantes das OM F Paz no Haiti quanto ao apoio logístico a ser prestado e às normas logística expedidas pelo COLOG, tanto no preparo quanto no emprego;
- acompanhar a execução do apoio logístico, mantendo o COLOG informado sobre as necessidades do contingente, devidamente consolidadas, padronizadas e priorizadas;
- levantar as especificidades e necessidade logísticas do contingente brasileiro no Haiti, bem como a demanda de normatizações;
- acompanhar as inspeções da ONU e do COLOG nas bases brasileiras;



- gerenciar a função logística de transporte, por meio do recebimento de voos e de navios logísticos;
- estabelecer estreito contato com integrantes do Ministério da Defesa (MD), COLOG e FAB para a coordenação do recebimento de meios e para a repatriação de material.

Viagem de Manutenção

As viagens das Equipes de Manutenção em apoio ao CONTBRAS/Haiti foram fundamentais para que o material de propriedade do contingente se apresentasse nas diversas inspeções da ONU com elevados índices de disponibilidade. Isso resultou em indicadores de reembolso por parte da ONU de praticamente 100 %, em todas as inspeções de pronto operacional (ORI-Sigla em Inglês).

A Base de Apoio Logístico do Exército

A Base de Apoio Logístico do Exército (Ba Ap Log Ex) é a Grande Unidade Logística que apoia as missões de paz. Considerada o braço operacional do COLOG, a Ba Ap Log Ex tem a missão de executar o apoio logístico ao Exército como um todo, incluindo o apoio às Missões de Paz. Dentre outras atribuições, cabe à Ba Ap Log Ex:

- realizar a preparação dos materiais das diversas classes para a área de operações;
- receber o material repatriado;
- realizar o controle patrimonial do material empregado nas missões de paz; e
- realizar o desembaraço alfandegário do material, por ocasião da sua saída ou entrada no país.



Viagem das Equipes de Manutenção em apoio ao CONTBRAS/Haiti.





A Reversão Total do CONTBRAS/Haiti

O planejamento e a execução da reversão do CONTBRAS/Haiti seguiram esta sequência:

- consolidação do inventário COE – *Contingent-Owned Equipment* (equipamentos e materiais de propriedade do contingente);

- consolidação do inventário UNOE – *United Nations-Owned Equipment* (materiais e equipamentos pertencentes à ONU);

- identificação dos equipamentos/materiais, conforme sua destinação (repatriação, devolução, descarte /entrega ou descarte /destruição);

- solicitação de aprovação das autoridades nacionais para descarte na área de operações;

- preparação das *Cargo Load List*, *Dangerous Goods List* e *Packing List* em estreita coordenação com a *Movement Control Section* – MOVCON (seção responsável pelo planejamento, gerenciamento e

controle do movimento de passageiros e cargas);

- solicitação e preparação de materiais de embalagem;

- término das operações;

- Inspeção de Repatriação pela ONU (*Repatriation Inspection*);

- conclusão dos procedimentos de embalagem e containerização do material para repatriação;

- repatriação do *Main Body* (Corpo Principal);

- carregamento e transporte dos contêineres;

- devolução dos UNOE (equipamentos e materiais pertencentes à ONU) e entrega dos campos;

- encerramento das contas;

- repatriação da carga;

- partida do *Rear Party* (efetivo de retaguarda);

- recebimento da carga no país;

- descontaminação do material;

- transporte para as OM de destino; e

- manutenção e redistribuição/estocagem do material.

QUADRO GERAL DO MATERIAL REVERTIDO

	BRABAT	BRAENGCOY	Gpto Op FN	Total
CONTÊINERES	42	36	50	128
VBTP	17	-	5	22
VEÍCULOS	108	50	32	190
TRAILERS	8	7	7	22
BREAK BULK	21	90	5	116
TOTAL	196	183	96	475
PESO	1.141.640	1.175.538	494.023	2.782.585
CUBAGEM	9.853,24	8.826,52	3.422	22.882
VALOR	US\$ 23.181.634,94	US\$ 16.007.018,80	US\$ 8.215.028,29	US\$ 46.175.332,35





Contribuição para a doutrina

Por intermédio da CLACH e utilizando-se das experiências vivenciadas pelos principais atores envolvidos na reversão, o COLOG elaborou o Caderno de Instrução – Reversão em Operações de Paz (EB 40-CI-10.550), como contribuição para o aperfeiçoamento da doutrina militar em operações de paz. Nesse caderno, ficam registradas as experiências logísticas utilizadas na Reversão do Contingente Brasileiro de Força de Paz no Haiti. Tal documento poderá, com as devidas adaptações, servir de base para o processo de envio de tropa para outras missões de paz das quais o Brasil vier a fazer parte.

Encerra-se, assim, mais uma página da participação exitosa do Brasil em operações de paz, com a repatriação do material e do pessoal realizada de forma organizada, com excelência e total segurança, não sendo registrados quaisquer casos de acidentes. 🌿



Autoria: Cel Art Silvo Roberto Nema Areco / Chefe da CLACH do 26º CONTBRAS.







A COMUNICAÇÃO SOCIAL NO BATALHÃO DE INFANTARIA DE FORÇA DE PAZ

No dia 15 de outubro de 2017, foi encerrada a participação brasileira na Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH): um caso de sucesso que durou 13 anos e que foi registrado e acompanhado de perto pelas equipes de comunicação social do contingente brasileiro.

O trabalho da célula de comunicação social do Batalhão de Infantaria de Força de Paz (BRABAT) começou por ocasião da cerimônia de **handover**, passagem de comando do contingente brasileiro, no país caribenho. Esse era um evento muito significativo da missão, revestido de todas as exigências protocolares da Organização das Nações Unidas (ONU), com visitas ilustres e acompanhamento da imprensa nacional e internacional. Foi um excelente teste para a equipe de comunicação social do Batalhão. O treinamento árduo, que havia terminado semanas antes do embarque para o Haiti, foi coroado com o cumprimento desse evento sem revés algum.

A célula de comunicação social do BRABAT, mais conhecida por G10, tinha a missão de: preservar e fortalecer a imagem da tropa; manter a sociedade brasileira e a mundial informada sobre a atuação dos nossos soldados; prestar todos os esclarecimentos necessários à imprensa sobre quaisquer acontecimentos, envolvendo o contingente; e recepcionar embaixadores, representantes da ONU, jornalistas, entre outros visitantes, que tivessem interesse em acompanhar de perto o andamento das atividades da MINUSTAH.

Foram criados para o Batalhão um perfil no *Facebook* e uma conta no *Flickr*, com a finalidade de manter um canal de informação para as famílias dos integrantes







do contingente. Cabia ao G10 alimentar as mídias sociais do BRABAT. Somente no *Flickr*, um serviço de armazenamento de imagens na internet, foram publicadas mais de 7 mil fotos de militares e de atividades do Batalhão.

O número de integrantes da célula G10 variava conforme o contingente, com um efetivo mínimo de cinco militares que executavam todas as atividades específicas da comunicação social, divididas nas vertentes de: divulgação institucional, informações públicas e relações públicas. A base do G10 do BRABAT compunha-se de dois militares do Centro de Comunicação Social do Exército (um oficial superior, chefe da célula, e um ST auxiliar), um oficial superior da Marinha do Brasil e outros dois indicados pelo Comando Militar do Nordeste. Para missões externas que necessitavam de contato com a população local, a seção também contava com um haitiano intérprete de creole, dialeto nativo do Haiti.

O relacionamento da MINUSTAH com o BRABAT, em assuntos relacionados à comunicação social, era feito por intermédio da célula de informações públicas, *Military Public Information* (MPIO). O G10 apoiava o MPIO fornecendo dados, conforme as demandas da imprensa, e fotos e matérias para a página do facebook da missão.

Todas as atividades previstas pela MINUSTAH, operacionais ou meramente administrativas, tinham a participação do Batalhão. Cada atividade envolvia muitos integrantes. Um grupo de repórteres que fosse visitar a nossa área de atuação e acompanhar uma patrulha necessitava, entre outras atividades: de coordenação da Seção de Operações para escolta e segurança; da Companhia de Comando e Apoio, para distribuição de coletes e capacetes aos civis; da Companhia de Fuzileiros de Força de Paz, com os militares e viaturas de patrulha; e da Seção de Pessoal, com as autorizações para deslocamentos em viaturas da ONU. A célula do G10 atuava sempre integrada e em coordenação com todas as seções e subunidades do BRABAT, o que permitiu que a comunicação social sempre cumprisse com suas atribuições.

A missão da tropa brasileira em terras caribenhas terminou. O sucesso foi acompanhado pela mídia nacional e internacional e pela sociedade brasileira durante os 13 anos do mandato estabelecido pela ONU. Ao longo desse tempo, a comunicação social foi um fator primordial para que esse acompanhamento fosse realizado com eficiência.

Missões futuras estão por vir e os ensinamentos colhidos na MINUSTAH serão valiosos, para continuarmos contribuindo de forma exemplar com aqueles que solicitarem a colaboração das tropas brasileiras. 





CENTRO CONJUNTO DE OPERAÇÕES DE PAZ DO BRASIL



Importância para o Brasil e para o Mundo



A partir da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), em 2004, o Brasil passou a contribuir com o maior contingente dentre os países participantes. Em consequência, no ano de 2005, criou-se o Centro de Instrução de Operações de Paz (CIOPaz), antecessor do Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB). A missão do CIOPaz era apoiar a preparação das tropas do Exército que seguiriam para a MINUSTAH, além de militares e policiais militares empregados nas diversas missões individuais da ONU.

A transformação do CIOPaz em CCOPAB ocorreu em 2010, quando passou a congregar militares das três Forças Armadas em seu efetivo. A necessidade de proporcionar à MINUSTAH uma resposta oportuna

e eficiente diante dos desafios gerados pelo terrível terremoto que assolou o Haiti, em janeiro daquele ano, foi o grande motivador. Assim sendo, o CCOPAB herdou todo o legado doutrinário do CIOPaz, permitindo que os saberes, antes destinados, principalmente, ao Exército Brasileiro (EB), passassem a ser difundidos sob vinculação ao Ministério da Defesa.

O excelente desempenho das tropas brasileiras nos 13 anos de duração da MINUSTAH, reconhecido internacionalmente em diferentes fóruns e artigos acadêmicos, e o elevado padrão de desempenho dos militares e policiais brasileiros nas missões individuais da ONU projetaram o CCOPAB no cenário externo.



A criação do CIOPaz e a MINUSTAH

O núcleo inicial do CIOPaz foi composto por Oficiais e Praças integrantes do 3º contingente da MINUSTAH. Isso permitiu que a experiência colhida no terreno fosse repassada aos militares que seriam desdobrados naquela missão.

A partir de 2006, foi iniciado o Exercício Avançado de Operações de Paz (EAOP), quando todo o Batalhão e a Companhia de Engenharia foram testados como formação constituída pronta para o desdobramento. Essa simulação tinha a duração de duas semanas. Além dos diferentes componentes de uma operação de paz da ONU, incluía, também, as autoridades civis locais. Fruto de seu realismo e eficiência, o EAOP foi a primeira certificação do Departamento de Operações de Paz da ONU (DPKO) recebida pelo CIOPaz, o que se deu em 2009.

Em 2007 foram criados o Estágio para Comandante de OM e Estado-Maior (EPCOEM), o Estágio para Comandantes de Subunidade e Pelotão (EPCOSUPEL) e o Estágio de Cooperação Civil-Militar (CIMIC). Assim, consolidou-se a participação de policiais e civis na fase de preparo.

Em 2010, o CIOPaz transformou-se em CCOPAB. A premência de uma resposta ágil e eficaz por parte do Brasil pressionou a integração entre os Centros de Operação de Paz do Exército e da Marinha do Brasil, bem como a padronização de procedimentos. Concretizando essa integração, o CCOPAB passou a contribuir na fase de preparo dos tripulantes do navio da Marinha do Brasil, empregados como Nau Capitânia da Força-Tarefa Marítima das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL). Desde 2011, o Brasil tem indicado o comandante da Força-Tarefa Marítima da UNIFIL no Líbano.

Como aperfeiçoamento, o CCOPAB procurou atingir um elevado nível de realismo na preparação de militares, policiais e civis que executavam o Estágio de Preparação para Missões de Paz (EPMP). Para tanto, estudantes universitários passaram a atuar como *Role Players* (atores). Além de estimular o domínio de diferentes idiomas, buscou-se aprimorar a simulação de ambientes, costumes, culturas, tradições e situações, semelhantes aos que os futuros *peacekeepers* poderiam encontrar em suas respectivas missões. Assim sendo, a utilização frequente dos idiomas inglês, espanhol e francês nos cursos do CCOPAB tornou-se uma realidade.

Pode-se afirmar que a participação de tropas brasileiras na MINUSTAH forçou uma evolução no treinamento das Unidades designadas para o Haiti. Logo, a criação do CCOPAB foi uma consequência

natural desse processo. As lições aprendidas no terreno foram analisadas e aplicadas na preparação, influenciando na criação de novos estágios.

Como legado da MINUSTAH, além dos estágios já mencionados, o CCOPAB conduz o estágio de Logística e Reembolso em operações de paz, o Curso de Desminagem Humanitária, o Curso de Preparação de Civis para Atuação em Ambientes Instáveis e o Curso para Assessores de Imprensa e Jornalistas em Áreas de Conflito. Cabe destacar que as certificações recebidas do DPKO materializam a direção acertada do processo ensino-aprendizagem adotada pelo CCOPAB.



A Projeção Internacional do CCOPAB

As participações relevantes do CCOPAB em fóruns internacionais e em simulações de emprego em operações de paz sob a égide da ONU permitiram a projeção do Centro no cenário internacional. Entretanto, pode-se afirmar que o principal fator contribuinte para esse destaque é o preparo de contingentes e militares designados para missões no exterior. O desempenho dessas tropas e indivíduos é a principal “certificação” da eficiência e da competência que caracterizam o trabalho do CCOPAB.

No contexto internacional, destaca-se a realização da reunião anual da *International Association of*

Peacekeeping Training Center (IAPTC), realizada no Brasil em 2015. A organização desse evento em Brasília congregou dezenas de representações estrangeiras.

Outro fator de projeção internacional são as Equipes Móveis de Treinamento (EMT). Elas foram idealizadas como um instrumento capaz de atender a crescente demanda internacional pela *expertise* adquirida pelo Brasil em operações de paz. Composta por efetivo reduzido, ela tem por objetivo preparar tropas e efetivos de nações amigas aplicando a metodologia desenvolvida nos seus estágios e cursos. Dessa forma, foram enviadas EMTs para a Colômbia,





México, Moçambique, Angola e Namíbia.

Finalmente, há que se destacar a participação do CCOPAB no Exercício VIKING 18, atividade realizada em Brasília entre 16 e 26 de abril do corrente ano. O Viking 18, Exercício Simulado de Operações de Paz organizado pelas FFAA da Suécia, em cooperação com a Academia Folke Bernadotte, foi realizado de forma integrada em diferentes *sites*, na Bulgária, Finlândia, Irlanda, Sérvia e Suécia. No total, cerca de 2.500 participantes de 50 países e 35 organizações estiveram presentes. Coube ao Brasil, pela primeira vez na história desse tradicional exercício, organizar, de forma pioneira, um *site* fora do continente europeu.

Uma Visão de Futuro

No ano de 2017, o Brasil colocou à disposição da ONU as seguintes capacidades: 01 Batalhão de Infantaria, 01 Unidade Médica Nível II; 01 Aeronave de Transporte C-105; 01 Unidade Aérea de Aeronaves Leves de Ataque A-29 Supertucano, 01 Unidade Aérea de Helicópteros Médios de Transporte H-60 Blackhawk, além de Oficiais de Estado-Maior e Observadores Militares. Assim sendo, essas Unidades passaram a integrar o banco de dados do DPKO, passíveis de desdobramento mediante acordo com os Estados-Membros.

Em consequência, o CCOPAB iniciou a fase de preparo desses elementos em 2017, aplicando o CPTM e participando de um EAOP reduzido, com a tropa de infantaria da 4ª Brigada de Montanha, sediada em Juiz de Fora. Participaram, também, Unidades da FAB sediadas em Manaus e Porto Velho.

Visualiza-se o Sistema de Prontidão de Capacidades de Manutenção da Paz das Nações Unidas (UNPCRS) como uma ferramenta capaz de manter o nível de conhecimento adquirido pelo CCOPAB com a experiência adquirida na MINUSTAH.

A manutenção dessa expertise é fundamental caso o Brasil deseje, futuramente, integrar missões de paz da ONU. Caso contrário, corre-se o risco da “perda da memória”, fenômeno acontecido após o término das missões de Moçambique, Angola e Timor Leste.

No que tange à integração com o meio civil, a Rede Brasileira de Pesquisa sobre Operações de Paz (REBRAPAZ) foi criada em novembro de 2016, como resposta do CCOPAB à crescente demanda do meio acadêmico sobre o tema Operações de Paz. Trata-se de uma parceria na qual pesquisadores civis se debruçam sobre os dados primários gerados pelo CCOPAB durante as fases de preparo e emprego de contingentes e missões individuais.

Considera-se que tal parceria contribuirá para a sua atualização e produção doutrinária, demonstrando que o caminho da relação civil-militar é desejável e produtivo. Fazem parte da rede inúmeras universidades de renome nacional.

Conclusão

A criação do CCOPAB decorreu da necessidade de união de esforços entre as Forças Armadas, para enfrentar a crise humanitária gerada por um desastre natural no Haiti. Entretanto, o tempo demonstrou que o seu papel no âmbito da participação brasileira em missões de paz estava além desse objetivo inicial.

Há que se reconhecer as dificuldades causadas por culturas organizacionais diferentes, que é uma característica do Centro, composto de militares das diferentes Forças, policiais militares e militares de nações amigas. No entanto, se países mais desenvolvidos optaram pelo fortalecimento da integração entre suas Forças Armadas, mesmo usando Atos Administrativos impositivos como o *Goldwater-Nichols Act* (1986) dos EUA, não seria lógico trilharmos caminhos diferentes. Quanto maior a nossa integração, maior a nossa importância dentro e fora do Brasil.

A incerteza quanto a uma participação brasileira em futuras missões de paz não ofusca o papel do CCOPAB. Seu valor na comunidade de operações de paz vai muito além do preparo dos contingentes. O CCOPAB tornou-se referência doutrinária e de eficiência no *pre-deployment training* de Unidades e indivíduos, além de, auxiliado pelo meio acadêmico, estar trilhando os primeiros passos para a produção de doutrina. Abrir mão dessa ferramenta estratégica de projeção do Brasil no contexto internacional é um erro que não podemos permitir. 

Autoria: Cel Inf Marco Antonio Estevão Machado (Cmt CCOPAB) e Ten Cel R1 Carlos Alberto M. Cavalcanti (Ass. Div Doutrina)



8 de maio: Dia da Vitória



No dia em que se assinala o Dia da Vitória na Europa da 2.^a Guerra Mundial, queremos saudar e agradecer às Forças Armadas Brasileiras pelo seu contributo na construção de uma Europa democrática.

Convido à escuta do fado Nossos Irmãos (aqui) cujo poema foi escrito, por Linhares Barbosa, a propósito do desfile do Depósito de Pessoal da FEB em Lisboa, em 1945.

Um regimento passou.
De soldados brasileiros.
E um menino perguntou.
Minha mãe, são estrangeiros?

A mãe sorriu de maneira.
Que ao filho pareceu de troça.
Minha mãe é que a bandeira.
Que ali vai não é a nossa.

Nas cores não se assemelha.
Tem um céu, muitas estrelas.
A nossa é verde e vermelha.
Mas são lindas qualquer delas.

Aquela nobre bandeira.
Que volta ativa da guerra.
É da nação brasileira.
Que é irmã da nossa terra.

São nossos irmãos bem vindos.
São nossas as suas galas.
E até falam português.
Tal qual eu falo e tu falas.

Marcham ali perfilados.
Como se fôssemos nós.
Os avós desses soldados.
Foram os nossos avós.

Regressam de batalhar.
Pelo direito, pela verdade.
E acabam de conquistar.
Nossa própria liberdade.

Obrigado!

E-mail enviado ao CCOMSEx pelo Sr. Rui Santos Vargas,
Delegado em Portugal da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil.



A DESMOBILIZAÇÃO NO HAITI

2º Batalhão de Engenharia de Combate



A pós ter concluído a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), em 2017, o Exército Brasileiro (EB) iniciou a operação para a repatriação de todo material empregado nos 13 anos da missão.

O 2º Batalhão de Engenharia de Combate (2º BE Cmb), sediado na cidade de Pindamonhangaba (SP), foi incumbido do recebimento e da manutenção do material de engenharia empregado na Companhia de Engenharia de Força Paz-Haiti (BRAENGCOY), além de alguns equipamentos do Batalhão Brasileiro de Força de Paz (BRABAT).

No período de 16 de agosto a 6 de setembro de 2017, na cidade de Porto Príncipe, República do Haiti, ocorreu a primeira fase da missão, que consistiu da inspeção de todo o material de engenharia, a fim de verificar suas reais condições de emprego.

Nessa fase foram levantadas todas as necessidades de manutenção dos equipamentos e elaborado um plano de manutenção, para a estimativa de custos e consequente licitação no Brasil. Essa atividade contou com a participação de militares brasileiros servindo no Haiti e militares do 2º BE Cmb, destacados para aquele país.



Em uma segunda fase, foi iniciado o processo de desmobilização dos equipamentos, quando as equipes separaram os materiais de acordo com suas funções e os encaminharam para os navios de transporte.

Chegando ao Brasil, entre os dias 10 e 24 de outubro, parte externa do material foi descontaminada, ainda no porto, pelo 1º Batalhão de Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear (1º Btl DQBRN), para ser transportado até Pindamonhangaba (SP).

No dia 24 de outubro, auxiliado pelo Batalhão DQBRN, o 2º BE Cmb deu início à descontaminação interna dos contêineres e à sua manutenção, englobando 73 viaturas/equipamentos de engenharia, 34 contêineres com materiais diversos e 65 contêineres de alojamento.

O Batalhão ainda realizou trabalhos de pintura, revisão elétrica, instalação de novos pneus e troca de óleo nas referidas viaturas.

Em menos de quatro meses de trabalho, os militares do 2º BE Cmb reformaram 13 caminhões, cinco viaturas leves, oito equipamentos pesados de engenharia, quatro motores de popa, seis torres de iluminação, 11 geradores (todos vindos do CONTBRAS/Haiti), dois botes pneumáticos e uma estação de tratamento de água de ultrafiltração. 🚚

APRECIACÕES SOBRE



“Acredito que a *performance* das tropas brasileiras, consistentemente, ao longo dos anos, dentro da missão, levou em consideração as particularidades da sociedade haitiana. Da parte do Batalhão Brasileiro, houve uma tentativa deliberada de aproximar-se da população. Acho que isso foi bastante apreciado pela povo haitiano.”

Sandra Honoré – Chefe da MINUSTAH.



“A presença no Haiti marca um ponto de inflexão para a participação brasileira nas operações de manutenção de paz, não só pelo volume da nossa presença, mas pela capacidade que mostramos de desenvolver uma operação, pela eficiência do nosso equipamento e pelos serviços prestados. A partir do Haiti, temos um novo patamar. É conveniente preservar esse tipo de empenho no futuro.”

Embaixador **Fernando Simas Magalhães** – Subsecretário-Geral de Assuntos Políticos Multilaterais Europa e América do Norte do MRE.



“A participação de tropas brasileiras na Minustah deu uma grande projeção ao Brasil, mas, sobretudo, deu um grande incremento no engajamento, na disciplina e no profissionalismo dos nossos soldados. Isso trouxe reflexos, não somente junto aos países que estavam na Minustah, mas também nos outros que souberam ou tiveram acesso às operações realizadas. Isso gerou uma demanda de muitos países que antes não conheciam o Brasil, para assinaturas de acordos de defesa.”

Embaixador Nelson Antônio Tabajara de Oliveira
Diretor-Geral do Departamento de Assuntos de Defesa e Segurança do MRE.



“O *Force Commander* sempre foi um brasileiro. Tradicionalmente, há um rodízio de comandantes nas outras missões de paz. No Haiti, na Minustah, um brasileiro sempre esteve no comando das forças militares. Isso reflete o profissionalismo, a disciplina e a confiança que as Nações Unidas e a comunidade internacional têm nas nossas tropas, nos nossos comandantes e nas nossas Forças Armadas. Acho que isso representa um reconhecimento internacional do que o Brasil pode oferecer em termos de paz e segurança internacional.”

Embaixadora **Maria Luiza Escorel de Moraes**
Diretora do Departamento de Organismos Internacionais do MRE.



A TROPA BRASILEIRA

“A presença da Minustah contribuiu para o reforço da cooperação bilateral entre Brasil e Haiti. Os *peacekeepers* brasileiros conseguiram conciliar o papel militar com o papel social, de forma que a população haitiana viu no militar brasileiro um amigo, um agente social.”

Mario Chouloute – Encarregado de negócios da Embaixada do Haiti no Brasil.



“A Viva Rio manteve parcerias com as tropas brasileiras desde o início. As tropas sempre foram muito abertas à participação nas nossas atividades e mantivemos um relacionamento muito bom. O saldo é positivo nesse sentido. A Viva Rio atua em diversas áreas. Temos um carro-chefe que é a segurança comunitária e a paz, que, na nossa visão, só podem ser atingidas se você trabalha outros fatores, como educação, meio-ambiente, cultura, esporte, entre outros.”

Pedro Braun – Empresa Social Viva Rio no Haiti.



“Eu acho que os militares brasileiros cumpriram o objetivo. Eles conseguiram achar o equilíbrio entre as ações militares e as ações humanitárias. Esforçaram-se muito para ganhar a confiança da população e conseguiram. Depois de alguns anos, a maioria dos haitianos, moradores próximos à base, já falavam português e comunicavam-se perfeitamente com os militares brasileiros.”

Luis Kawaguti – Repórter e autor do livro “A República Negra – histórias de um repórter sobre as tropas brasileiras no Haiti”.



“Os militares brasileiros sempre estavam prontos para nos ajudar nas necessidades da escola e das crianças. Sua presença foi marcante, pois ofereceram cursos de informática e de educação física para os nossos professores. Eles sempre trouxeram uma riqueza muito grande pra nós, enquanto missão educativa. Somaram muito na nossa missão e na formação dos professores que trabalham conosco.”

Irmã Ana Gabriela – Instituição Sacre Coeur Jesus.



RAZÕES DO SUCESSO O LEGADO

A Missão das Nações Unidas para a Estabilidade do Haiti trouxe ao Exército Brasileiro ensinamentos que, com certeza, serão empregados em futuras Operações de Paz em que o Brasil possa ser designado. Durante o planejamento, execução e o encerramento da missão vários fatores contribuíram para o sucesso alcançado, projetando o Exército Brasileiro e o Brasil no cenário mundial. Conheça algumas razões desse sucesso que não foram destacadas nos diversos artigos que ilustram esta publicação.

Metodologia de Planejamento de Estado-Maior

- Capacidade de trabalho em grupo e em ambiente multicultural e disciplinar.
- Capacidade de análise e de percepção do CORE da missão.
- Capacidade de elaborar e transmitir ordens claras e precisas a todos os escalões.

Elevada Capacidade de Pronto Resposta do BRABAT

- Estrutura e treinamento direcionado ao emprego com aeronaves.
- Capacidade de pronta resposta seja em aeronaves e/ou blindados.
- Confinamento.
- Permanente estado de prontidão.



Capacidade de Improviso do Soldado Brasileiro

- Introdução na melhoria do equipamento e material (estripo da Viatura, bandoleira, gandoleta etc).
- capacidade de realizar planejamento e transmissão de ordens em qualquer local e sob quaisquer condições de Confinamento.
- adaptabilidade a situações adversas.

Boa Estrutura de Comando e Controle (C2)

- Rede de dados MESH.
- Sistema digital troncalizado.
- Sistema Pacificador.
- Rádios com GPS.
- Redes lógicas.
- Rede rádio dos Blindados.
- Rede Administrativa Brabat.
- Rádios HF e VHF.
- SISCOMIS.
- Rede social.

Disponibilidade de Meios Materiais

- Boa quantidade de viatura sobre rodas e blindada.
- Apoio Logístico adequado na função logística manutenção.
- Suprimentos de todas as classes prontos e disponíveis.

Emprego da Massa

- Emprego de efetivo sempre superior à ameaça, usando como elemento básico de emprego a Subunidade.
- Concentração de grandes efetivos em uma pequena área.

Emprego Adequado da Inteligência Operacional

- Emprego de meios de vigilância na obtenção de dados e na proteção da tropa.
- Farto emprego de patrulhas na coleta de informes e no levantamento de área.

Apoio da Opinião Pública

- G 10, oriundo do CCOMSEX para coordenar as ações de Comunicação Social.
- Atuação conjunta do CCOMSEX e da ASCOM do MD na divulgação da missão.
- Interesse da mídia nas missões de paz despertada pelas divulgações institucionais.

Metodologia de Treinamento

- Regulado por diretriz específica.
- Realizado em níveis.
- Dentro de um ciclo contínuo.



Desmobilização da Tropa

- Regulada por Diretriz específica.
- Compõe as partes psicológicas, laboratoriais e clínica.
- O militar permanece em Desmobilização por um ano.

Capacidade Operacional da Tropa

- Capacidade de cumprir bem as missões e executar aquilo que foi planejado.
- Preocupação em cumprir suas missões com o mínimo de dano colateral.
- Capacidade de executar tarefas contínuas e repetitivas em longos períodos (serviço-patrolha-descanso).





REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

General do Exército Brasileiro irá comandar a maior operação de Missão de Paz já estabelecida pela Organização das Nações Unidas





A Missão na República Democrática do Congo

O país está localizado na região central do continente africano e atravessa uma série de problemas sociais e conflitos armados. Trata-se de um dos maiores países do mundo em extensão territorial, com grandes riquezas naturais, o que, infelizmente, não traduz um desenvolvimento nacional. O baixo Índice de Desenvolvimento Humano e o alto Índice de Mortalidade Infantil são apenas alguns dos tristes registros da RDC.

Segundo publicação de fevereiro deste ano no site das Nações Unidas do Brasil, “a situação na República Democrática do Congo é uma das mais complexas do mundo e piorou em virtude do aumento de vários conflitos locais. No início de 2018, havia cerca de 5 milhões de congoleses deslocados: aproximadamente 674.879 refugiados em outros países africanos e cerca de 4,35 milhões de deslocados internos. Esses números colocam a RDC entre os países com as maiores crises de deslocamento do mundo”.

O General **Elias** explica que “*para que ocorra uma Operação de Manutenção da Paz, como as que o Brasil participa, alguns requisitos precisam ser cumpridos: o primeiro é o consentimento do país anfitrião, o segundo é a existência de um acordo de paz entre as partes envolvidas, e o terceiro diz respeito aos atores que estão contribuindo para o processo de paz: civis, militares e agentes humanitários, que devem ser imparciais e representar todos os continentes na área da missão. Tudo isso deve estar sob o comando das Nações Unidas*”.

Ao ser abordado sobre os desafios da nova missão, o Force Commander ressalta algumas características do País: “*os conflitos nessa região, em particular no leste, são bastante sangrentos e têm provocado desastres humanitários que não têm recebido a devida atenção da comunidade internacional. A RDC tem mais deslocados no interior do País do que o que a guerra da Síria provocou. Estudos indicam que há mais de 200 grupos armados, e bem armados, na região, causando grandes danos às populações civis. Nos últimos anos, tornaram-se comuns os ataques às tropas das Nações Unidas, sendo, portanto, um ambiente bastante tenso. A situação de risco é elevada e tem provocado mortes de peacekeepers, os militares na missão de paz*”.

Confira na íntegra uma entrevista com o General **Elias**, novo Force Commander na República Democrática do Congo, no programa Papo Verde-Oliva, no YouTube do Exército: <https://www.youtube.com/watch?v=hSGchx5h8bM&t=192s>. 🇧🇷

O Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, António Guterres, nomeou o General de Divisão **Elias Rodrigues Martins Filho** como novo Comandante Militar da Missão de Estabilização das Nações Unidas na República Democrática do Congo (RDC), a MONUSCO. Substituindo o General da África do Sul, **Derrick Mgwebi**, o novo Force Commander contará com um efetivo de quase 17 mil militares de diferentes países. Pela segunda vez, a MONUSCO será comandada por um brasileiro, já que o General de Divisão **Carlos Alberto dos Santos Cruz** esteve à frente da missão de 2013 a 2015.

Com mais de 35 anos de serviço, o General **Elias** ocupava cargo no Escritório de Organismos Americanos do Ministério da Defesa, e já foi vice-conselheiro militar junto às Nações Unidas, em Nova Iorque; além de integrante da Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola. É pós-graduado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília e graduado pela Faculdade de Defesa da Escola Superior de Guerra.

O novo Force Commander ainda explica que a missão de paz na RDC possui características específicas: “*É uma missão que já ocorria em 1960, quando o Brasil participou com um pequeno contingente naquela operação e, depois, ressurgiu, no final da década de 1990. Desde 2010, a missão segue em um novo modelo, com um mandato que prioriza a proteção de civis*”. Confiante, o general completa: “*estou pronto para dedicar o melhor de mim à comunidade internacional*”.





Palavras do Comandante

UM CASO DE SUCESSO

Esta edição especial da Revista Verde-Oliva traz um breve relato dos 13 anos da participação do Exército Brasileiro na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH).

As operações naquele país caribenho retratam o fiel exemplo da firmeza do “Braço Forte” nas ações militares e da

solidariedade da “Mão Amiga” estendida a uma parcela sofrida da população mundial.

O profissionalismo, o elevado espírito de sacrifício e a singular aplicação das técnicas, das táticas e dos procedimentos do soldado brasileiro foram elementos primordiais para o êxito do Brasil como líder da missão, além de angariarem o respeito e o reconhecimento por parte da comunidade internacional e do esperançoso e alegre povo haitiano.

Homens e mulheres de diversas especialidades - devotados militares que deixaram os diferentes rincões deste imenso Brasil para ajudarem seus irmãos longínquos - foram os responsáveis por traduzir, em ações, o pensamento e as diretrizes do Comandante do Exército. Tal empreendimento transformou-se em excelente oportunidade para estimular e manter os níveis de preparo e de emprego da Força Terrestre. Além disso, tornou-se ambiente propício para fortalecer a interoperabilidade e os laços de amizade com os militares das Forças coirmãs, os representantes de diferentes nações e os membros dos organismos internacionais.

Com maturidade e altruísmo, todos esses devotados integrantes da ONU enfrentaram a violência descontrolada das ruas e os imprevisíveis desastres naturais, como o terremoto de 2010. Naquele imponderável episódio, a morte de 18 militares brasileiros, muito caros a todos nós, deixou a marca da saudade e da tristeza em nossos corações. Ficaram a nossa gratidão e a homenagem do Brasil, do seu povo e do Exército Brasileiro a esses heróis, bem como as orações em prol dos milhares de cidadãos haitianos, dos servidores civis e dos militares das Nações Unidas, que tombaram em solo haitiano.

Na gloriosa trajetória do Exército de Caxias, desde Guararapes até os dias atuais, esse período de 2004 a 2017 permanecerá marcado nas memoráveis páginas da história do Exército Brasileiro e do Brasil e, em especial, na lembrança de cada Soldado da Paz que participou da MINUSTAH. Foram anos de muito trabalho, imensa abnegação e enorme orgulho, pela honra de representar o Brasil em uma das mais importantes missões de paz da Organização das Nações Unidas.

Encerro, agradecendo àqueles que dedicaram e que continuam dedicando sua vida a servir ao próximo!

Obrigado, Soldado! ➡



FOTO DE MICHEL FILHO / AGÊNCIA O GLOBO





IMAGEM DA INSTITUIÇÃO

Nível de Confiança: 80,3%

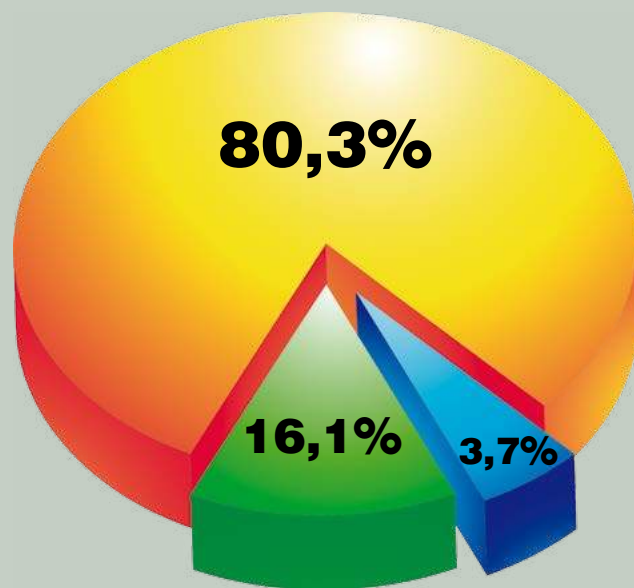


Entrevistadas 1969 pessoas, assim distribuídas por região:

	Região Norte:	172
	Região Centro-oeste:	152
	Região Nordeste:	522
	Região Sudeste:	838
	Região Sul:	285

O nível de confiança que os brasileiros depositam no Exército Brasileiro (EB) atingiu a marca de 80,3%. Foi o que mostrou uma pesquisa realizada pelo Instituto Qualitest Ciência e Tecnologia, contratado pelo EB, com o objetivo de identificar a percepção que a sociedade carrega quanto à imagem da Instituição. Foram realizadas cerca de 2.000 entrevistas, com nível de confiabilidade de 95% e uma margem de erro de 2,2% para mais ou para menos. O levantamento foi realizado em todo território nacional, no primeiro trimestre de 2018.

O capital de confiança do EB, conquistado junto à população brasileira, vem se sustentando ao longo dos anos, como atestam pesquisas realizadas por diferentes institutos. Esses resultados ressaltam o reconhecimento da sociedade brasileira pelo esforço dos integrantes da Força Terrestre de se fazerem presentes em inúmeras ações dentro ou fora do País.



-  **Sim, o Exército ainda é uma instituição séria e confiável**
-  **Não, o Exército não é mais uma instituição séria e confiável**
-  **Não sabem dizer ou não responderam**



FUNCEB

PRESERVANDO E DIVULGANDO
A CULTURA MILITAR BRASILEIRA

www.funceb.org.br



A FUNCEB é uma entidade civil sem fins lucrativos, que tem por finalidade desenvolver atividades de natureza cultural, desportiva, educacional, de comunicação social, de preservação do meio ambiente e de assistência social empreendidas pelo Exército Brasileiro. Atuando por intermédio de parcerias, patrocínios e leis de incentivo à cultura e ao esporte, a FUNCEB conta com o apoio de diversas empresas para a realização de projetos.



Projeto Gráfico: Centro de Comunicação Social do Exército (2018, IST Marinho)

29
de maio

Dia Internacional dos
PEACEKEEPERS

